

# ○ Nosso Interêsse

S. U. 53

Parece haver-se restabelecido a paz no seio do Partido Trabalhista do Rio Grande. Podem-se, pois, comentar os fatos, sem incorrer na acusação de querer aprofundar o dissídio, para dele tirar proveito.

Enganar-se-ia quem supusesse que as questões do Partido Trabalhista só aos trabalhistas devem interessar. Depende o govêrno democrático do jôgo dos partidos da maneira como êles entendem e exerçam a sua missão. Por isto, até os cidadãos sem partido podem e devem interessar-se pelo que vai pelos partidos. E, quando está no govêrno o partido, quando o seu comportamento se reflete imediatamente na marcha da cousa pública, então não se pode eximir tal partido à critica de gregos e troianos, todos igualmente interessados na sua ação.

Ora, é o Partido Trabalhista quem está governando o Rio Grande; é o chefe do Partido Trabalhista quem está governando o Brasil: razões mais do que suficientes, para que a nós também interesse o que nele sucede.

Padece o Partido Trabalhista Brasileiro de uma grave contradição. A julgar-se pelo nome, é um partido de natureza ideológica; a julgar-se pelos fatos, é um partido personalista, fundado na mística que, num país naturalmente propenso ao fanatismo, se criou em tórno de um homem. Assim, o Partido Trabalhista é, sobretudo, getulista. Uns são getulistas por sentimento; outros o são por cálculo. Uns imaginam cândidamente ser o seu chefe o homem capaz de lhes resolver os problemas; outros apenas acreditam na sua boa fortuna e por isto o seguem. Injusto seria, porém, desconhecer a existência de elementos propriamente trabalhistas no Partido Trabalhista. Há, em primeiro lugar, a grande massa dos que, sendo trabalhadores, julgam ingênuamente deverem pertencer a um partido denominado trabalhista; há depois os que, reconhecendo mais ou menos sinceramente a necessidade de uma melhor justiça social, entenderam mais seguro e mais cômodo servir-se da mística inexplicavelmente criada em tórno do sr. Getúlio Vargas para alcançar os seus objetivos, ou verdadeiramente sociais, ou meramente políticos.

A recente crise, que agora se diz resolvida, resultou dessa contradição. Não se trata de dissidência passageira, senão de dissídio fundamental. Está o Partido Trabalhista dominado pelo getulismo, isto é, pelos íntimos do chefe e fundador; mais do que partido político, é um partido familiar o que se ostenta. Os últimos incidentes foram uma reação contra tal estado de cousas. Cedeu a rebelião, mal começara? Parece. Mas não foram removidas as causas profundas do dissídio. Menos do que paz, foi uma trégua o que se firmou. A não ser que a clã tenha destruído totalmente o partido e os melhores elementos se tenham rendido definitivamente, novos choques hão de produzir-se.

Aí está a razão do nosso interêsse pelo Partido Trabalhista pelo verdadeiro Partido Trabalhista. O que sob tal nome se instalou no Estado e se pretende agora consolidar é uma oligarquia. Por certo, já não é esta agora, uma empresa tão fácil, como outrora. Não, que a nossa gente esteja politicamente mais esclarecida: dir-se-ia, pelo con-

trário, haver retrogradado sob o império da mais desabusada demagogia. Dispõe, porém, de um poderoso instrumento que lhe faltava — o voto secreto — e, mais cedo ou mais tarde, saberá reaver os seus direitos. Mas, se o que agora está em comêço chegar a consolidar-se, quantos trabalhos e sacrifícios não serão necessários para restabelecer a normalidade política?

Não somos trabalhistas. Não o somos doutrináriamente e ainda menos o somos politicamente. Mas a nós, como a todos os democratas do nosso Estado interessa grandemente que, no seio do Partido Trabalhista preponderem os melhores elementos.